

SÓIS AMARELOS: XILOGRAVURAS DE J. BORGES E AS RELAÇÕES COM O MARCHAND CARLOS RANULPHO ENTRE PÁGINAS DE JORNAIS (1970 A 1979)

Raquel Simões Albuquerque

Graduanda em Licenciatura Plena em História

Universidade Católica de Pernambuco
raquel.2020112247@unicap.br

RESUMO:

O artigo é resultado do projeto de pesquisa proposto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UNICAP), pela Professora Dra. Maria do Rosário da Silva, sob o título "Xilogravuras de J.Borges: entre páginas de jornais (1970-1979)". A metodologia utilizada abarca os processos de catalogação - que visam organizar a presença verbal e visual das xilogravuras de J. Borges nas páginas dos Jornais Diario de Pernambuco e Jornal do Commercio na década de 1970. A partir da elaboração de fichas temáticas, foi observado a presença de uma forte relação entre o marchand Carlos Ranulpho e o xilogravador J.Borges nos já referidos periódicos, na década de setenta, época em que Borges iniciava no campo artístico e mantinha uma relação de exclusividade contratual com o marchand. Nossa proposta visa examinar as relações entre marchand-artista nos periódicos buscando compreender a trajetória de Borges no início de carreira, fato que por si só chama atenção dado a dimensão nacional e internacional que sua obra ganha.

Palavras-chave:Carlos Ranulpho; J.Borges; Periódico.

1. Da feira ao Patrimônio Vivo, quem é J. Borges?

José Francisco Borges, nascido no interior Pernambucano, no município de

Bezerros, é considerado Patrimônio Vivo de Pernambuco pelo seu trabalho com as xilogravuras, além dos seus folhetos de cordel. Inicialmente, revendia cordéis nas feiras nordestinas e decide começar a escrever suas próprias histórias. Visando maiores lucros, percebe a necessidade de ilustrá-los autonomamente com as xilogravuras, passando então a se dedicar de modo mais exclusivo às gravuras. A década de setenta é um recorte significativo na compreensão de sua obra tendo em vista tratar-se da introdução no campo artístico, e pela circulação alcançada que acabou possibilitando exposições nacionais e internacionais, além de participações em produções cinematográficas.

Utilizamos as xilogravuras produzidas por Borges como registros cognitivos (MENESES, 2003) importantes para a compreensão visual da sociedade, tendo em vista que as imagens reproduzidas nas gravuras são feitas a partir da interação social articulando noções como tempo, meio cultural, costumes e espaço. Vale salientar que segundo a definição presente no dossiê de registro da literatura de cordel produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular - CNFCP (2018, p.102), "A imagem presente no folheto não é uma mera ilustração do texto, mas uma linguagem produtora de sentidos e significações". Ou seja, o xilogravador ilustra a partir de seu cotidiano. Nesse ínterim, nos utilizamos da História visual enquanto um campo operacional, que nos permite historicizar a obra borgiana.

A década trabalhada trata-se de um período em que o artista possuía um contrato de exclusividade com o marchand Carlos Ranulpho[1], por tanto, torna-se uma figura de menção recorrente nas páginas de periódicos, sendo possível compreender a circulação e recepção da obra de Borges a partir da relação marchand-artista, relação esta que tentará ser analisada ao longo do artigo.

2. Percurso teórico-metodológico

Apresentaremos então um dos resultados do projeto de pesquisa do Programa de Iniciação Científica, intitulado: "Xilogravuras de J.Borges: entre páginas de jornais (1970-1979)", orientado pela Professora Doutora Maria do Rosário[2]. A documentação

[1] Joalheiro da cidade do Recife que decide entrar no mercado da arte e se torna marchand e dono da galeria que leva seu nome.

[2] Doutora em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (2015). Mestra em História pelo Programa de Pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (2008) e Graduada em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (2002). Possui experiência na Educação Básica e no Ensino Superior, bem como na formação de professores.

utilizada encontra-se no Arquivo Público de Pernambuco Jordão Emerenciano e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, com as seguintes palavras de busca: “gravador popular”, “Roque Santeiro”, “Nordeste, cordel repente e canção”[3], “10 gravuras”, “José Francisco Borges”, “pavão misterioso[4]”, “xilogravura” e “Roberto Teixeira Leite[5]”. Ao todo foram analisadas 188 páginas de jornais, sendo eles o Diario de Pernambuco e o Jornal do Commercio.

Para pensar os periódicos nos apoiamos na Tânia Regina de Luca, Ulpiano Meneses e Knauss com a história visual e Roger Chartier na perspectiva cultural. Mapeamos e catalogamos a década de sessenta e setenta, criamos fichas temáticas que condensam alguns aspectos das obras borgianas no cunho discursivo, simbólico e social, de forma que obtivemos dados quantitativos e qualitativos acerca do material.

3. Entre o verbal e o visual, Borges nas páginas de jornais

Dentre os objetivos da pesquisa já finalizada, estava a análise do tipo de presença das xilogravuras nos jornais, sendo elas verbais ou visuais. Foi observado que 81,25% das ocorrências trazem as gravuras de modo verbal, ou seja, abordam as gravuras, mas não as reproduzem no jornal, 6,25% têm presença verbal e visual (nunca somente visual), a xilogravura mencionada no texto é reproduzida, e 12,5% não se aplica, são materiais que tratam de algum aspecto pessoal da vida do artista que nos ajudam na compreensão de sua obra.

Tabela 1- Presença das xilogravuras

VERBAL	**VERBAL E VISUAL**	**NÃO SE APLICA**
81,25%	6,25%	12,5%

Fonte: autora, 2022.

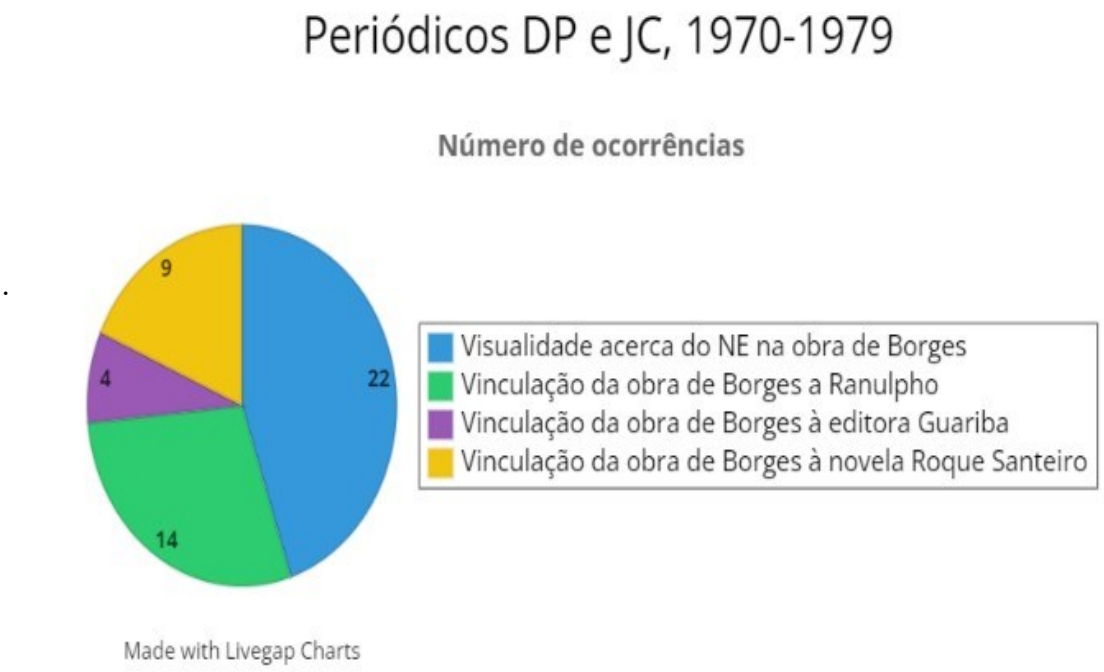
Atualmente é professora e coordenadora da Licenciatura em História Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e professora do Programa de Pós-Graduação em História - UNICAP

[3] Documentário de longa-metragem produzido por Tânia Quaresma.

[4] Clássico romance da literatura de cordel, escrito por José Camelo de Melo Rezende.

[5] Jornalista, escritor e crítico de arte. Lecionou no Instituto de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade Gama Filho e foi diretor do Museu Nacional de Belas Artes de 1961 a 1964, além de possuir mais de vinte livros em sua autoria.

As fichas temáticas produzidas nos permitem realizar um mapeamento da visualidade refletida nas xilogravuras e compreender vinculações feitas pelas manchetes de jornais junto à obra de Borges. Dentre os dados quantitativos alcançados temos 22 ocorrências que trazem uma visualidade para com o Nordeste, 14 ocorrências que vinculam as xilogravuras ao marchand Carlos Ranulpho, 9 ocorrências a novela Roque Santeiro[6], trabalho articulado pelo marchand e que seria realizada a transmissão da abertura da novela, aberta ao público, na Galeria Ranulpho. Por fim, 4 ocorrências vinculam a obra à editora Guariba, fundada por Ranulpho, o publicitário Ítalo Bianchi e Filipe Carlos (filho de Ranulpho). Desse modo, podemos notar que a presença do marchand nas páginas de jornais junto às obras possuem proporções significativas.



Fonte: autora, 2022.

4. A relação marchand- artista nas ocorrências de jornais

[6] A abertura da novela que iria ao ar em 1975 foi ilustrada por Borges, entretanto, a novela foi censurada pela ditadura civil-militar, voltando a ser regravada em 1985, porém, sem as xilogravuras na abertura.

Como mencionado anteriormente, foram encontradas um número expressivo de ocorrências em que é possível fazer algum vínculo entre a obra do artista J.Borges e Carlos Ranulpho. Boa parte dessa possibilidade de associação se dá pelo contrato de exclusividade desfeito ainda na década de setenta. Desse modo, essas ocorrências nos emitem pistas sobre a repercussão e circulação da obra borgiana, como vemos o seguinte trecho publicado na coluna de arte de João Alberto[7]: " O marchand Carlos Ranulpho de passagem pelo Rio esteve com o crítico de arte José Roberto Teixeira Leite[8], a quem entregou 10 xilogravuras do gravador popular J.Borges, que pertence ao acervo de sua galeria [...]" (JOÃO ALBERTO, Arte. Diario de Pernambuco, Recife nº 298, p. 49, 4 de novembro de 1973.).

No trecho, já é possível notar uma circularidade da obra de Borges, tanto por se tratar de uma entrega interestadual, como pela descrição da pessoa a receber o material, um crítico de arte, dando assim a entender que sua obra passou por qualificações. A matéria continua: "[...] irá participar, como o único gravador popular, juntamente com os maiores da modalidade no Brasil, da mostra de artes gráficas brasileiras no Itamaraty, em Lisboa, Madri, Viena e Paris [...]" (ibid.). A coluna é publicada em 1973, três anos após o início de sua carreira nas gravuras, e o artista já iria expor de modo internacional em uma mostra de arte itinerante, passando inclusive por países considerados importantes para compreensão da História da Arte, como é o caso de Paris que possui o museu do Louvre.

Tal repercussão internacional das xilogravuras também se faz presente quando nos reportamos a já mencionada editora Guariba, na matéria intitulada "Macaco safado é símbolo de editora no Nordeste", é feita uma apresentação sobre a editora, os fundadores: Carlos Ranulpho (diretor-superintendente), Italo Bianchi (diretor-administrativo), Filipe Carlos (diretor-administrativo) e Hermilo Borba Filho[9] (assessor cultural). É mostrado também os objetivos da editora e projetos em andamento, entre eles, "a publicação de um álbum bilíngue (inglês e francês) do gravador popular J.Borges." (MACACO SAFADO É SÍMBOLO DE EDITORA DO NORDESTE. Diario de Pernambuco. Recife, nº 93, p.53, 7 de abril de 1974).

---

[7] Jornalista e economista de formação e colunista no Diario de Pernambuco.

[8] É jornalista, escritor e crítico de arte. Lecionou no Instituto de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade Gama Filho e foi diretor do Museu Nacional de Belas Artes de 1961 a 1964, além de possuir mais de vinte livros em sua autoria.

[9] Escritor, crítico literário e ensaísta.

Interessante destacar, ainda na referida matéria, que mais abaixo do texto, de modo central, constam algumas imagens, a primeira e de menor destaque a de um macaco, cuja legenda traz “Guariba, o macaco”, em seguida a de um homem, cuja legenda era “Bianchi, o técnico”, ao lado esquerdo dessas duas imagens consta a foto de um segundo homem, imagem esta que está alguns centímetros maior que a de Bianchi, a legenda mostra “Ranulpho, o principal”, de modo que nos leva a questionar a forma em que essa imprensa vem retratando e apresentando o marchand.

A matéria Arte, negócio e sonho[10] aborda um pouco sobre a abertura do Recife para um mercado de galeria de arte. Fazendo uma comparação entre a descoberta de Van Gogh pelos girassóis e de Ranulpho pelo mercado de arte, o colunista afirma “[...] o marchand Carlos Ranulpho fez uma feliz prospecção e verificou que no mercado de arte de Pernambuco também há uma inebriante claridade de sóis amarelos”.

Em seguida o texto adentra acerca da inauguração da galeria Ranulpho no bairro de Boa Viagem, local tradicionalmente ocupado pela classe média-alta, indicando também a variedade de tipos de obras trabalhadas e os valores: “xilogravuras populares de J.Borges ao preço de Cr$ 100.00 até um nobre e equilibrado quadro de Vicente do Rego Monteiro (Nu agachado/ óleo sobre tela) por Cr$ 60 mil, o mais caro trabalho pictórico jamais posto oficialmente à venda no Recife” (ibid).

A referida obra de Rego Monteiro aparece ao fim da matéria em tamanho reduzido, entretanto, não é possível saber a cor que aparece no material original, tendo em vista se tratar de uma digitalização. Neste trecho, podemos ver o tamanho da abrangência de tipos de artes presentes nesta galeria e sua variedade de preço, além de uma breve classificação da obra borgiana a partir de um comparativo de preços e uma diferenciação entre o erudito, representado pela tela à óleo[11] de Vicente do Rego Monteiro, artista consagrado como pioneiro no movimento modernista pernambucano, que foi à Europa estudar arte, e o popular representado por Borges com as xilogravuras. Diferenciação esta problematizada por Roger Chartier, que analisa a criação do popular enquanto uma categoria erudita.

Vale destacar que o xilogravador, nas outras duas ocorrências mencionadas, é apresentado como “gravador popular”, de modo que a diferenciação tenta ser demarcada em diferentes contextos não só nas duas matérias descritas como em 31,25% do material analisado. Vemos o termo popular também associado a outras classificações como poeta

[10] ARTE, NEGÓCIO E SONHO.DIARIO DE PERNAMBUCO, RECIFE, nº 113, p.19.
[11] Um dos materiais mais lucrativos a serem explorados pelo mercado da arte.

popular, artista popular, etc.

O texto segue declarando a potencialidade do trabalho desenvolvido por Ranulpho e a variedade nos estilos artísticos abordados por ele, além da importância econômica que o Recife desempenha. Finalizando a coluna, o texto declara a importância da galeria e do mercado articulado pelo marchand para que seja possível aos artistas viverem de sua arte. Não podemos deixar de continuar as reflexões acerca da abordagem dessa imprensa para com Ranulpho, apresentando-o então como grande descobridor e articulador de talentos," É importante para o mercado de arte nordestino que Ranulpho tenha montando uma infra-estrutura de vendas no hoje atormentado bairro recifense. [...] Ninguém melhor do que ele alimenta a chama dos negócios que, afinal, pode embalar o sonho de sobrevivência de muitos artistas" (ibid.). Tais afirmações acabam transmitindo a ideia de que os possíveis sucessos e prestígios alcançados por esses artistas, em especial os da categoria considerada popular, só foram possíveis graças ao marchand.

Por fim, trazemos a coluna dos social, escrita por João Alberto, sob o título "exportando cordel", nela é abordada uma exposição itinerante de xilogravuras montadas por Carlos Ranulpho, apresentado como "dono do maior acervo de xilogravuras de cordel do país"[12]. A exposição denominada "Arte de cordel: Xilogravuras e Folhetos do Romanceiro Popular", estava prevista para ter duração de 7 a 15 de novembro na Fundação Cultural de Brasília, 18 de novembro a 3 de dezembro na Petite Galerie em São Paulo e de 9 a 24 de dezembro na Petite Galerie do Rio de Janeiro.

A exposição enquadrava-se como a maior do gênero artístico que seria exposto, contava com "10.000 gravuras, dos mais importantes gravadores populares do Nordeste, abrangendo desde Juazeiro do Norte à Bahia." Em seguida, é apresentado algumas das xilogravuras e artistas que irão compor a exposição: "A Via Sacra, do Mestre Noza, e as gravuras de J.Borges, este expondo atualmente na Espanha, sob os auspícios do Itamaraty, são algumas das grandes atrações da mostra." A exposição também contaria com obras clássicas como Pavão Misterioso e vinte mil folhetos de cordel.

Podemos notar a obra borgiana sendo enquadradas por João Alberto como uma das mais importantes, no que se refere às gravuras populares do Nordeste, posteriormente, Borges seria classificado por Ariano Suassuna, importante nome para a cultura brasileira, como o maior gravador popular do Nordeste, ficando atrás somente de Gilvan Samico, que seria o maior gravador do Brasil. Além disso, o artista estava participando de uma

[12] ALBERTO João, Exportando Cordel. Diario de Pernambuco, Recife, nº 288, p.57.

exposição de cunho internacional, Espanha, e nacional, passando por Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo.

5. Considerações finais

Diante ao exposto, podemos perceber um pouco da trajetória, circulação e recepção da obra borgiana a partir das manchetes que trazem Carlos Ranulpho, seja de modo direto, devido à relação contratual estabelecida ou pela divulgação da editora Guariba. Observamos então a repercussão internacional das xilogravuras com a publicação de álbuns bilíngues ou a participação de J. Borges em exposições nacionais e internacionais por diversos países europeus (Espanha, Paris,Lisboa, Madri, Viena). Borges, já nessa época, passa a ser comparado e enquadrado entre os importantes gravadores populares, fato que culmina no ano de 2005 em sua consagração como Patrimônio Vivo de Pernambuco. Atualmente, o artista se encontra em plena atividade, apesar da idade avançada, em seu ateliê no município de Bezerro, onde conta com o apoio da família, muitos dos quais acabaram entrando também para o ramo das gravuras, como é o caso de seus irmãos, sobrinhos e filhos.

Aproveitamos também as fontes documentais apresentadas para ampliar o olhar e problematizar as formas de ver e retratar o marchand, formas estas que acabam reforçando a ideia comumente difundida nas décadas de sessenta e setenta de que a chamada arte popular e o folclore, estaria ameaçado precisando de salvadores, pessoas que incentivem e "conservassem" essa arte, esse saber. Vale lembrar que os jornais não são imparciais, portanto, analisar as formas de abordar Ranulpho tornam-se fundamentais no processo de pesquisa e como parte do olhar crítico do historiador para com suas fontes.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos:** a fabricação do folclore e a cultura popular: Nordeste 1920-1950. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1999

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Tradução Sergio Goes de Paula- 2. ed. rev e ampl. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CERTEAU, Michel de, RAVEL, Jacques; DOMINIQUE, Julia. ***A cultura no plural.*** Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1995.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens:** arte e cultura visual. In: **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.8, n.16,p. 179-191, 1995.

MAUAD, Ana Maria. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. In: **ArtCultura,** Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 33-50, jan.-jun. 2008.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-45, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 201

SANTIAGO JÚNIOR, F. das C. F. Dimensões historiográficas da virada visual ou o que pode fazer o historiador quando faz histórias com imagens?. **Revista Tempo e Argumento,** Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 402 - 444, 2019. DOI: 10.5965/2175180311282019402. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180311282019402>. Acesso em: 2 mar. 2022.

SILVA, Maria do Rosário da Silva: **Histórias Escritas na Madeira:** J. Borges entre folhetos e xilogravuras na década de 1970. 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SILVA, Maria do Rosário da Silva. Histórias Desenhadas: A fabulosa novela e o vendedor de xilogravuras. ANPUH- Brasil, **30º simpósio nacional de História**, Recife, 2019.

SOUTO MAIOR, Mário. **Território da danação:** o Diabo na cultura Popular do Nordeste. Livraria São José, 1975.

SOUZA, Arão de Azevêdo. Debates sobre cultura, cultura popular, cultura erudita e cultura de massa. **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste** – Campina Grande, 2010. Disponível em:<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/r23-1573-1. Acesso em 25 de jul. 2022.